



Metodologia de atuação pastoral: caminhos possíveis para a ação evangelizadora

Lurdinha Paschoaletto¹

Vera Lopes²

Se você não sabe para onde ir, qualquer caminho serve.

Alice no país das maravilhas (Lewis Carol)

*O que não é possível é sequer pensar em transformar
o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto.*

Pedagogia da indignação (Paulo Freire)

"Povo negro quer formar uma roda diferente"...

Autor desconhecido.

Introdução

Somos agentes de pastoral e militantes sociais e sabemos onde queremos chegar. Como seres humanos, queremos um mundo onde reine o amor e a paz, um mundo onde todos³ tenham direito a uma vida digna e feliz. Como cristãs e cristãos, queremos um mundo de amor e de fraternidade como foi anunciado por Jesus: “eu vim para que todos tenham vida em abundância” (Jo10,10). Um mundo onde possamos augurar o Reino de Deus. Um mundo “sem senhores e sem escravos”, conforme oração declamada por Dom Helder Câmara, em Negra Mariama⁴.

¹ Lourdes de Fatima Paschoaletto Possani é mestra e doutora em Educação (PUC-SP). Coordenadora Pedagógica no Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP). Aposentada na Rede Municipal de Educação de São Paulo como Supervisora Escolar. Autora do livro Educação de Jovens e adultos: um olhar sobre a exclusão (Editora AUE, 2007) e organizadora de diversos livros e coleções de livros, entre eles, o Formação Ecumênica e popular feita em mutirão. 25 anos de Curso de Verão (Paulus, 2011).

² Vera Lopes é Psicopedagoga social. Professora aposentada da rede Municipal de Educação São Paulo como Coordenadora, Voluntária 11 anos na EDUCAFRO e 27ª. no Curso de Verão. Faz parte da coordenação diocesana das pastorais sociais na Diocese de Osasco, da coordenação paroquial da Iniciação à Vida Cristã – IVC de Adultos – e CPP. Coordenação estadual e articuladora nacional da Pastoral afro-brasileira – PAB. Presidente da 1ª Edição do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial, secretária Geral da 2ª Edição.

³ Como nossos dicionários ainda não contemplam a diversidade de gênero na língua escrita, buscamos uma forma de incluir todas as pessoas no diálogo. Portanto, neste texto, quando o artigo se referir ao gênero masculino ou feminino, estes serão substituídos pela letra “x”, exceto quando se referir apenas às mulheres ou apenas aos homens e quando utilizados os artigos definidos no início ou dentro das frases e parágrafos.

⁴ O conceito da Negra Mariama referente a Nossa Senhora Aparecida foi introduzido por dom Helder Câmara, em sua Invocação a Mariama, ao final da Missa dos Quilombos, que foi celebrada em Recife no dia 22/11/1981. Era uma tentativa de chamá-la com um nome afro-brasileiro.

Esta é nossa utopia e nossa meta. A utopia nos faz seguir adiante em busca do alcance dos sonhos coletivos de justiça social. As metas nos chamam à concretude para tornar realidade as mudanças necessárias a serem feitas, incluindo aqui, especialmente, a nossa participação nessas mudanças. No entanto, os sonhos de mudança têm “que atravessar uma linha tênue entre o desejo e a realidade e concretizar-se em ações de modo que se possa fazer acontecer um novo modo de viver, um outro modo de relacionar-se com as pessoas, com a sociedade e com a natureza” (POSSANI, 2011, p. 155).

Sabendo onde se quer chegar, é preciso escolher o caminho e esta escolha não é casual; é carregada de intencionalidade e traz em si princípios e pressupostos que fundamentam as escolhas.

Ao falar sobre uma metodologia para a atuação pastoral num curso de extensão sobre Pastoral Afro Brasileira (PAB), nos perguntamos: existe uma metodologia para a PAB? Se sim, em que ela se difere das demais pastorais? Quais os seus desafios?

Mas, antes de refletir sobre estas duas questões, é preciso pedir licença a quem entende mais do assunto e participa da PAB, conhece sua história e é quem poderia responder as perguntas acima. Notadamente quem está na Pastoral Afro tem consciência do papel que foi relegado às pessoas negras em toda a história.

Existe uma ideia escravagista impregnada na “alma” das pessoas e a Igreja teve e tem parte dessa responsabilidade. O racismo estrutural está fortemente arraigado na sociedade, mas é negado e esta negação impede de ver a realidade e lutar por sua mudança (ALMEIDA, 2019).

No âmbito social, há uma tendência forte em esconder o racismo, o preconceito e a violência sofrida por pessoas negras e isso não é diferente no espaço eclesial. Há uma igreja feita por brancxs e para brancxs, onde o papel e lugar do negro é relegado a um plano inferior e mesmo hoje, século XXI, existem histórias de preconceito, de ofensa e de desvalorização do trabalho pela cor da pele.

Sabemos também que “O racismo e o etnocentrismo sempre colocam pessoas de grupos raciais ou étnicos historicamente discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pela ação do Estado, das instituições e organizações.” (LOPES E SOUZA, 2007, p. 60-61).

Há uma tensão explícita e outra silenciosa. A explícita encontra-se nos movimentos que buscam forjar espaços seus, com visibilidade e, não raro, com sofrimento por parte de quem faz a luta, mas também com vitórias a partir das lutas. É certo que nada lhes cai do céu. Toda conquista é fruto de muito trabalho e determinação. E há uma tensão silenciosa, normalmente quando as pessoas estão fora de contextos coletivos. Sofrem a discriminação, muitas vezes também silenciosa ou camuflada, inclusive nos espaços eclesiais.

Então não falaremos aqui de uma metodologia para a pastoral afro. Esta já tem um caminho percorrido que inclui busca por espaços e reconhecimento de sua identidade e cultura, com saberes (inclusive religiosos) advindos de sua ancestralidade. Temos muito a aprender com quem faz a pastoral afro acontecer, de fato.

Ousamos falar sobre uma metodologia de atuação pastoral, a partir do lugar onde estamos.

1. Metodologia da Educação Popular

Embora método e metodologia tenham origem na palavra grega *métodos*, que indica caminhos e técnicas, destacamos aqui, mesmo que para efeito didático, a distinção entre esses dois conceitos, compreendendo a *metodologia* como o caminho escolhido a se percorrer e o *método* como o conjunto de estratégias, técnicas e dinâmicas que possibilitam percorrer este caminho.

Assim, antes de nos referirmos especificamente à metodologia de atuação pastoral, apresentamos aqui alguns princípios da metodologia da educação popular, nos quais acreditamos e cuja referência é o educador Paulo Freire:

- Mulheres e homens são seres de saberes - frente ao conhecimento somos todos iguais;
- Mulheres e homens são seres de relação - nascemos incompletos, completamo-nos na relação com a/o outro;
- Mudamos o mundo e somos mudados por ele - como sujeitos, mudamos o mundo e, ao intervir nele, mudamos também;
- Mudar é difícil, mas é possível.

Estes princípios nos conduzem à reflexão sobre a necessidade de horizontalidade nas relações onde encontramos pessoas partilhando seus diferentes saberes, sem hierarquização. Também nos faz refletir sobre a nossa incompletude; isso requer humildade para reconhecer o valor do outro. Outra reflexão é sobre a consciência sobre nosso papel no mundo; as mudanças que queremos no mundo não acontecerão sem a nossa participação.

A partir desta reflexão, destacamos alguns elementos fundamentais na obra de Paulo Freire que norteiam o debate e a escolha metodológica das ações formativas: o diálogo, a politicidade, o inacabamento e a utopia. A separação desses elementos em tópicos distintos é apenas para efeito didático, pois são todos interligados e não é possível trabalhar sem a articulação entre eles.

a) *Diálogo*: envolve a escuta e a abertura para aquele que pensa diferente. Só há debate sobre pontos de vistas diferentes se houver possibilidade de diálogo. Para Freire o diálogo é tido como condição para a construção do conhecimento e não se dá sem conflito. Em processos de formação os momentos de conflitos são ricos no sentido de crescimento e de amadurecimento teórico e de posicionamento das pessoas envolvidas frente às decisões a serem tomadas. (FREIRE, 1987).

b) *Politicidade*: não há como negar a intencionalidade da ação humana nas mais diversas situações em que seja necessário fazer escolhas e, na educação popular, estas escolhas são marcadamente intencionais em todos os seus aspectos e dimensões. Não são neutros os seus conteúdos como não são neutras a avaliação e a metodologia adotada para desenvolver um trabalho. Mesmo quem se diz neutro tem posição política, mesmo que não o saiba. Quem se cala diante da violência, do preconceito e da discriminação contra pessoas, está de acordo com ela;

c) *Inacabamento*: A base para a formação de educadores/agentes de pastoral está no princípio do inacabamento, ou seja, as pessoas se formam em processo. Segundo Freire, “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital”. Para ele “onde há vida, há inacabamento” e não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a “consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade” (FREIRE, 2014b, p. 50). Esta é uma premissa freiriana da formação de pessoas: homens e mulheres são seres inacabados que buscam continuamente a sua humanização, para dar visibilidade à função social que se assume na formação das pessoas ao torná-las cada vez mais humanizadas. Nas práticas evangelizadoras, buscando referência no projeto de Jesus Cristo, podemos ter as mesmas propostas metodológicas.

d) *Amorosidade*: Faz parte do papel do educador social ou agente de pastoral imbuir-se da amorosidade. Segundo Paulo Freire, “o diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens [pelos pessoas]. Designar o mundo, que é ato de criação e recriação, não é possível sem estar impregnado de amor” (FREIRE, 2005, p. 96). Não é possível desenvolver atividades na atuação pastoral sem que esta esteja carregada de amorosidade, pois com o gesto de amor vem junto a paciência para a escuta, a alegria para o acolhimento e a coragem para a ajuda solidária.

e) *Utopia*: podemos dizer que utopia é algo que ainda não aconteceu, mas que não é apenas sonho, que pode ser concretizado a partir de ações concretas, dependendo de certas condições de tempo e espaço em que estas são realizadas (POSSANI e SANCHEZ, 2011, p. 160). A questão da utopia também está relacionada com o processo de formação do sujeito. Para Freire a utopia exige conhecimento crítico. Não é possível olhar para o futuro e vislumbrar as possibilidades de liberdade, de emancipação, sem se reconhecer como sujeito de direitos e capaz de transformar-se a si mesmo e aos outros (FREIRE, 2005). Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança (FREIRE, 2006, p. 91).

2. Metodologia da atuação pastoral e ação evangelizadora

A metodologia da atuação pastoral também se apoia nos princípios e comunga dos mesmos pressupostos acima citados. São valores presentes em quem acredita na possibilidade de se construir um mundo melhor para todas as pessoas.

No entanto, agrega-se na metodologia da atuação pastoral um importante elemento: *a ação evangelizadora*. Se falamos de viver e anunciar o Evangelho na sua radicalidade, falamos de tomada de posição diante do mundo. Atuar na PAB é ser protagonista de novas possibilidades, é tornar possível novos capítulos da história do povo negro na Igreja.

Acreditamos num Jesus que escolheu o amor como seu maior mandamento (Jo 13,34) e esse amor lhe custou a morte por crucificação, porque era amor expresso em ações que transformava as pessoas. O amor da forma como viveu e ensinou não o impediu de revoltar-se contra os vendedores do templo (Jo 2,14-15).

Sem a pretensão de aprofundar a reflexão bíblica referente ao tema podemos dizer que Jesus escolheu um “caminho” para chegar as pessoas, para chamar as pessoas, para enviar as pessoas para a missão de anúncio do Reino. Tinha uma metodologia e estratégias de chegada, ora silenciosa, ora discursiva, e em muitas vezes, sua ação era precedida de oração (Jo 6,11). O uso de parábolas fez chegar sua mensagem a diferentes pessoas com quem falou, a quem ensinou.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) escolheram como referência os ensinamentos bíblicos dessa forma de Jesus agir no mundo. A leitura popular da bíblia, proposta pelo Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) a partir da obra e do trabalho de Frei Carlos Mesters em muito coincidia com a reflexão sobre a Educação Popular, não só no Brasil, mas em grande parte da América Latina (citamos nas referências duas de suas obras). Esta formação em muito contribuiu com a formação da militância pastoral e social nas décadas de 70-80.

A ação evangelizadora aqui é o objetivo maior e é por esta razão que buscamos caminhos para concretizá-la até os dias atuais. Agir pastoralmente exige que tenhamos presente a proposta de discipulado presente no Documento de Aparecida (2008).

Destacamos, dentro do tema ação a questão profética e a questão pastoral:

a) *Ação evangelizadora e profetismo*: a ação evangelizadora, na sua radicalidade, pressupõe a denúncia das injustiças e o anúncio da boa nova do Reino. Como cristãs e cristãos, somos seguidores de Jesus e, para seguir seus ensinamentos, nossa fé precisa estar embasada no conhecimento da Palavra e expressa na espiritualidade libertadora (CONBLIN, 2004). Aqui fazemos referência à leitura popular da bíblia e à abertura de nosso olhar para além da Igreja da qual fazemos parte. É preciso abrir-se para compreender outros modos de viver a espiritualidade que não o nosso, numa relação inter-religiosa horizontal e amorosa de saberes e de vivências de fé, levando em conta as diferenças que nos unem e não as que nos separam, especialmente na luta pelas causas comuns que temos em favor do bem comum. Deus se faz presente em toda prática religiosa que busca o bem comum na sua integralidade.

b) Ação evangelizadora e pastoral

Falamos aqui da prática pastoral baseada na fé encarnada na realidade, na vida do povo. Falamos da experiência de vivência dos ministérios como serviços. A postura de se colocar a serviço do outro não é desprovida de intencionalidade, de posição definida diante do mundo e do anúncio da Palavra. Estamos nos deparando com “novos ventos” na Igreja como a Proposta do Papa Francisco que clama por Teto, Terra e Trabalho. E as estatísticas mostram que quem mais sofre com a vulnerabilidade em relação a esses três indicadores é a população negra, que se apresenta em luta contínua por conta da desigualdade social histórica.

A CNBB traz o comprometimento da Igreja para o pacto pela vida. O Grito dos Excluídos, de 2020, trouxe o anúncio que a “Vida deve estar em primeiro lugar” e muitos da PAB estão participando ativamente destes momentos de mutirão pelo bem comum.

Nos referimos aqui a uma Igreja pós Concílio Vaticano II, a uma Igreja latino-americana que produziu documentos como o de Medellín⁵ e tantos outros seguintes, que lançaram o olhar para a realidade vivida pelas pessoas empobrecidas pobres e sem direito a ter direitos, numa sociedade marcada pela exclusão, onde “poucos tem muito”, às custas de muitos, que tem pouco ou quase nada para viver.

A história nos mostra que nem sempre a Igreja usou de metodologias dessa natureza. Na maior parte da história ocidental ela esteve atrelada ao Estado e às classes dominantes que escravizaram pessoas, especialmente negras, e exterminou grande parte dos povos indígenas que eram um obstáculo aos seus planos de domínio. Sem a ajuda da Igreja para legitimar estas ações, o poder político-econômico dominante não teria o êxito que teve em suas expedições e invasões de territórios.

E quem tinha o poder político e econômico escreveu a história a partir desse olhar que segregou e espoliou povos e nações. O que conhecemos da história oficial seria bem diferente se fosse contada pelos povos dominados e/ou a partir deles.

Evangelizar pressupõe levar uma boa nova que possa libertar. Pressupõe usar ferramentas que dê às pessoas instrumentos para mudar a situação de exclusão em que vivem. Pressupõe ampliar o olhar para além dos muros paroquiais e diocesanos e chegar até as pessoas que estão fora das estruturas eclesiais tradicionais.

3. Conhecer e compreender para mudar

Lembramos aqui que os métodos utilizados para a ação evangelizadora têm se firmado no tempo como ferramentas importantes para a formação catequética e para as pastorais sociais.

O mais conhecido método para a pastoral da Igreja que foi assumido na América Latina no período pós concílio é o método *ver-julgar-agir*. Esse método implica conhecer, compreender, analisar criticamente e mudar a realidade.

Conhecer a realidade local e global, ou seja, conhecer a realidade local onde se atua pastoralmente e socialmente e a realidade global, pois não vivemos isolados do resto do mundo.

⁵ As Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano, promovidas pelo Conselho Episcopal Latino-Americano, desde o ano 1955, produziram diversos documentos. Desses documentos o mais importante foi o de Medellín, resultado da II Conferência, realizada na cidade de Medellín, na Colômbia, em 1968. Essa conferência foi importante por que tinha por objetivo recepcionar o Concílio Vaticano II (1962-1965) à luz da realidade latino-americana. O documento de Medellín impactou decididamente a ação pastoral da Igreja latino-americana apresentando uma análise crítica da realidade do continente e propondo uma ação profética da Igreja para superar as injustiças e desigualdades sociais.

A dominação é global e se expressa localmente na capilaridade de sistemas elaborados para esse fim. Mas a solidariedade também pode ser global a partir das experiências locais articulada com outras experiências.

Na contramão do individualismo e da violência, vemos a solidariedade entre pessoas e grupos, entre comunidades, que se organizam para acolher e ajudar quem precisa e esse pode ser um caminho para a construção de um mundo melhor para todos. Sabemos que não haverá mudança sem o protagonismo incessante dos sujeitos envolvidos e que as mudanças não ocorrerão sem a nossa participação.

As questões que se colocam em relação a esse método não são sobre sua eficácia, mas como aplicá-lo em situações diversas no campo pastoral e social, visto que estão juntas nesta caminhada pessoas em diferentes momentos e situações de formação. Exemplificando: o método ver-julgar-agir pode ser utilizado em diversas situações desde um plano de formação para um grupo de catequistas ou até na elaboração de um plano de formação diocesana que envolve articulação e desenvolvimento de ações específicas para cada área das pastorais com toda a sua complexidade. Ainda podemos citar a preparação de uma reunião de representantes das comunidades para decisão sobre os encaminhamentos de luta por moradia, criação de postos de saúde e escolas, novas linhas de transporte público e outros serviços nos bairros da periferia da cidade.

Em todos os casos a metodologia pode ser a mesma e envolve todos os elementos acima citados. No entanto, cada uma das etapas de organização e atuação requerem estratégias e dinâmicas que sejam coerentes com a escolha metodológica e o lugar onde se quer chegar. A forma como ocorre a atuação pastoral vai revelar elementos como participação, valorização dos saberes e experiências anteriores dos participantes, rigor na elaboração de cada passo (sem espontaneísmo), em especial dos estudos sobre a conjuntura no campo a ser trabalhado.

5. Alguns pressupostos para se ter em conta na atuação da pastoral afro-brasileira.

Para a concretização da atuação pastoral da pastoral afro é necessário considerar alguns pressupostos que antecedem a escolha da metodologia e das estratégias.

Esses pressupostos estão fundamentados nos princípios da educação popular, lembrando que para potencializar as ações da pastoral afro, todas devem estar afro-centradas.

A atuação da PAB tem seu eixo na transversalidade e todos os esforços devem estar em promover ações antirracistas intra e extra espaço religioso e, para isso, o diálogo se faz urgente com todas instâncias e ações da Igreja.

5.1 Consciência do lugar que ocupamos e de nossa identidade como pessoas e como cristãos e cristãs no mundo. Como pessoas que atuam nas pastorais, somos localizadas historicamente e construímos a nossa identidade na nossa relação com as outras pessoas e com a realidade onde vivemos. Por isso, a nossa identidade é construída de forma dialógica e dinâmica de acordo com os desafios presentes na sociedade onde vivemos.

5.2. Consciência identitária de negritude das pessoas negras

A sociedade brasileira está marcada pelo racismo estrutural que perpassa a consciência das pessoas e das estruturas sociais e eclesiais. A superação dessa situação começa com: o reconhecimento da negritude como elemento importante na sociedade brasileira; reconhecimento de que no Brasil temos um racismo internalizado e que precisa ser eliminado; reconhecimento de que brancos tem privilégios decorrentes de sua cor (RIBEIRO, 2019); adoção de estratégias educacionais antirracistas em todos os níveis da sociedade inclusive na Igreja.

5.3. Abertura para ir além da nossa crença e nossa fé

O mundo plural em que vivemos coloca muitos desafios para o cristianismo. O primeiro desafio diz respeito à necessidade de superarmos os muros da nossa crença e da nossa fé. Isso supõe estar aberto para dialogar com pessoas de outras igrejas e religiões reconhecendo como legítimos os valores de suas tradições. Precisamos construir mais pontes do que muros, como diz o Papa Francisco (CONIC, CFE 2021).

5.4. Diálogo em condições iguais, com escuta e amorosidade

Só há diálogo quando há escuta e amorosidade. No entanto, o diálogo só é possível quando reconhecemos que mulheres e homens, independentemente de sua condição étnica, de sua religião, de seu gênero e de sua forma de ver o mundo, são iguais e, por isso, devem ser respeitados e ter os mesmos direitos. Sabemos também que a dita “igualdade” constitucional, também proposta pela Igreja, precisa de novas narrativas.

O próprio Jesus não tratou com igualdade aos mais sofridos e injustiçados, ele amou com a mesma intensidade ao indicar as especificidades de alguns grupos, de pessoas em diferentes situações (Fl 2,1-2). No Brasil e na América Latina, os diferentes grupos étnicos ainda continuam nas lutas pela Igualdade de direitos, como COTAS nas universidades e nos serviços públicos, na efetivação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 (CNBB, 2013). Temos uma Política Nacional para Saúde Integral da População Negra, a mesma ganha caráter nacional com a Lei nº 12.288/07/2010, quando se institui o Estatuto da Igualdade Racial.

5.5. Direito de igualdade à fala, ao espaço, à expressão das diferentes culturas

A igualdade entre as pessoas deve se traduzir em direito de comunicar-se, de ter um lugar digno na sociedade e de poder expressar livremente suas tradições e valores culturais quando estes expressam o desejo de bem viver. Mas entendemos também que há limites éticos para a expressão de pensamento. Defender o racismo, o sexismo e a homofobia em nome de um pretense direito de expressão é um equívoco e por isso, o direito à livre expressão não é absoluto.

5.6. Vontade e disposição para transformar a realidade em que vivemos a partir dos valores do reino de Deus.

Nossa atuação no interior da Igreja católica nasce da nossa fidelidade ao mandato de Jesus sempre tendo consciência de que a maior parte da população brasileira é afro-descendente (CNBB, 2019). Desta forma, somos convocadxs pela mensagem de Jesus para transformar o mundo a partir e na direção do reino de Deus. Para isso temos pela frente alguns desafios:

- a) transformar a realidade de opressão e violência contra os empobrecidos e vulneráveis em uma realidade em que todas/os tenham uma vida digna e que possibilite que todas as pessoas sejam felizes;
- b) transformar as estruturas eclesiais e as relações sociais dentro da Igreja para que as pessoas não sejam mais oprimidas e discriminadas pela sua etnia e/ou gênero.

5.7. Fazer de nossas práticas socio eclesiais um serviço alegre, gratuito e fraterno.

O seguimento de Jesus exige de todas as pessoas cristãs, amor, alegria, gratuidade e fraternidade na contramão dos valores do consumismo exacerbado e da cultura do ódio. Esse é o caminho para que nossas práticas se coloquem na dinâmica da utopia do reino de Deus. É, em outras palavras, fazer do amor uma revolução (VIEIRA, 2019).

4. A Metodologia da atuação pastoral

Para efeito didático poderíamos distinguir as pastorais existentes em eclesiais e sociais⁶. Para cada uma delas a metodologia terá um sentido, pois cada uma tem um lugar de partida e de chegada. Como exemplo, podemos citar a Pastoral do Batismo e Pastoral da Terra.

Para pensar a metodologia da atuação pastoral, é fundamental que consideremos alguns elementos já citados anteriormente, nos princípios da Educação Popular:

a) Diálogo como dinâmica transversal de todas as ações a serem desenvolvidas. Não há como se pensar em atuação pastoral sem o diálogo amoroso próprio da ação evangelizadora.

b) Conhecimento crítico da realidade socioeclesial. Qualquer ação pastoral deve ser precedida de análise de conjuntura socioeclesial. A pastoral não pode ignorar o esvaziamento de crianças e jovens negros nos espaços eclesiais.

c) Consciência das implicações políticas de nossa atuação como Igreja. Assumir a Igreja em Saída proposta pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. A mãe Negra Mariama faz acontecer esta Igreja em saída (EG 24) quando visita a sua prima Isabel e isto exige de nós ficar ao lado dos mais vulneráveis e desfavorecidos socialmente. Para ele, é necessário que a Igreja esteja sempre em atitude de “saída” e que tenha os olhos direcionados especialmente para as periferias.

Estamos escrevendo em tempo de Crise sanitária, onde o isolamento social afetou a sociedade como um todo, porém a população negra sente o impacto da vulnerabilidade, não tendo como se manter em suas necessidades básicas. Vivemos uma realidade, tendo de forma alarmante a desigualdade econômica em nosso país, trazendo indicadores na educação que as crianças negras periféricas foram as principais vítimas do não acesso à educação remota e os motivos são do conhecimento da maioria dos brasileiros/as.

Nas questões de isolamento, por esta mesma desigualdade, não puderam respeitar os protocolos de isolamento e distanciamento social. Muitos foram os contaminados independente da sua etnia, porém, os dados de óbitos em porcentagem são altas quando preenchido o quesito cor. A população negra vive em situação de maior vulnerabilidade, fator que dificulta o seu rápido atendimento, acontecendo quando a doença já se encontra em estágio já avançado. Esse público teve menor acesso aos testes da contaminação, disseminando em alto número o vírus entre os seus. Os Quilombolas não foram contados a princípio como tal. (Dra. Jurema Werneck-CPI da Pandemia- Senado Nacional-24-/06/21). Pesquisas em fontes sérias poderão ser consultadas para constatação com números percentuais. Não fosse o Sistema Único de Saúde (SUS), certamente os números seriam bem maiores.

d) Estratégias participativas dentro do caminho escolhido. As estratégias devem ser coerentes com o que se propõe alcançar. No caso da atuação pastoral, onde se espera que a educação seja libertadora, a participação das pessoas envolvidas na ação deve ser efetiva, ou seja, desde a sua elaboração até a sua avaliação. A Educação formal e a educação evangelizadora têm mostrado muitos desafios para a população negra. Abrimos aqui uma proposta para o compromisso com a missão afro para garantir que as palavras do evangelho tenham eco no cotidiano. A nossa leitura do mundo depende da forma como o compreendemos e o interpretamos (PAB-CNBB, s/d).

⁶ Embora saibamos que toda pastoral tem uma dimensão eclesial e uma dimensão social, quando utilizamos a expressão pastorais eclesiais referimo-nos às diversas ações que são utilizadas para atender às demandas internas da Igreja, e quando falamos em pastorais sociais, referimo-nos às pastorais que visam atender as demandas oriundas da sociedade em geral.

e) O registro como elemento fundante da metodologia. O registro é fundamental para fazer memória do nosso tempo, mas especialmente como ferramenta de aprendizagem. Enquanto registramos olhamos criticamente para a nossa prática, no sentido de mudá-la, se for caso.

f) Avaliação como instrumento de aprendizagem e como possibilidade de examinar o impacto das ações. Na atuação pastoral a avaliação ganha um sentido novo, que não o meritocrático nem o discriminatório presente em muitos sistemas avaliativos. Aqui ela faz parte do processo pedagógico para a construção de conhecimentos e coleta de dados para superação das dificuldades encontradas.

Apresentamos três aspectos que poderão potencializar os trabalhos da PAB:

- Arte e Cultura: a evangelização precisa ser atraente, ter significado para o público afro-descendente, promovendo espaços para expressões socioculturais como festivais de músicas, de dança, de grafite, de teatro e de interação com as novas tecnologias. A arte com suas diferentes linguagens pode atrair as famílias negras tendo seus filhos acolhidos nas suas potencialidades;

- Trabalho e Geração de Renda: sabemos que o Empreendedorismo Negro está em alta neste tempo em que a lógica perversa para ter e se manter empregado é muito mais acentuada para os jovens negros;

- Educação: a Pastoral pode ter projetos que incentivem as crianças e jovens negros a valorizar a Educação como uma das “armas” para a garantia de mudanças sociopolítica e eclesial (LOPES E SOUZA, 2007, pp. 55 e 56).

Para a atuação pastoral, do ponto de vista didático pedagógico, é necessário:

a) Escolher a metodologia mais adequada para atendermos aos objetivos definidos;

b) Estabelecer os objetivos que queremos atingir com a nossa atuação pastoral para responder aos desafios atuais de anunciar o reino de Deus, a partir das diferentes realidades territoriais, para os povos remanescentes de quilombos, para as irmandades, para os grupos de congada, para os quilombos urbanos periféricos;

c) Definir as estratégias para colocar as ações propostas em prática, com metas para curto, médio e longo prazo;

d) Acompanhar e avaliar de forma sistemática as ações realizadas na perspectiva de aprimorá-las e realizar mudanças, se for o caso.

e) Celebrar a vida presente na comunidade, considerando os princípios e pressupostos acima citados, em especial, a solidariedade, a diversidade cultural e o amor que aquece o coração e promove mudanças.

Em relação à Pastoral Afro, algumas questões devem estar presentes em nossa atuação na Igreja ou comunidade da qual fazemos parte:

1. A evangelização em nossa diocese, paróquia e/ou comunidade leva à reflexão sobre as questões do povo Negro? Se não há esta reflexão, ficamos incomodados/as? Fazemos algo a respeito?

2. Existe em nossa Paróquia e/ou Diocese a Pastoral afro organizada? Como ela acontece?

3. Que tipo de contribuição você podemos dar em nosso território, após participar deste curso?

Retomamos aqui alguns elementos a serem considerados na atuação pastoral, em especial na realização de ações formativas:

a) Tempo Preliminar: conhecer a realidade, buscar colaboradorxs e recursos a partir de objetivos definidos para a formação;

- b) Tempo de Operacionalização: planejar e preparar a formação, promovendo a escuta das pessoas envolvidas na formação, de modo a atender a demanda local. Também buscar materiais que sejam coerentes com a proposta formativa, na perspectiva da educação libertadora,
- c) Tempo de Formação: que sejam espaços de troca de saberes, de estudos e experiências de modo a favorecer a formação continuada do missionário/a da Pastoral afro.

Conclusão

Assim, na atuação pastoral, somos chamados a atuar segundo o modelo de Jesus e, como seres sociais que somos, tomarmos em conta alguns aspectos para fazer de nossa ação uma possibilidade de crescimento da fé, de retomada da esperança e de sermos portadorxs da boa nova do reino de Deus.

A ancestralidade negra sempre se utilizou da oralidade para construir as suas narrativas contadas de uma geração para outra. As histórias do povo negro acompanham a metodologia do agir de um povo que construiu a suas narrativas de um outro lugar de fala, na contramão das que foram contadas pelos colonizadores.

Numa breve reflexão sobre a metodologia da atuação pastoral, dentro do tema Pastoral Afro-brasileira, retomamos o que foi afirmado no início do texto: quem pode falar sobre ela é quem nela está envonvidx.

Pelo racismo estrutural presente na sociedade e na vida eclesial, a Pastoral afro-brasileira se coloca como um serviço missionário da Igreja Católica Apostólica Romana, que, a partir de uma metodologia afro centrada, vai criando novas expressões metodológicas para atender as urgências em novos tempos, nas diversas realidades do povo negro.

Povo negro de quilombos urbanos (as periferias/comunidades), e/ou enquanto remanescentes de quilombos; povo que vive em lutas para ter as suas terras regulamentadas; negros das Irmandades e das Congadas, e todos os rostos empobrecidos, os preferidos de Deus.

Colocamo-nos em posição de aprendizagem com a história e experiência da PAB, para a troca de saberes sobre suas lutas e resistências enquanto movimento que recupera a identidade do povo negro e é parte da Igreja na qual acreditamos e expressamos a nossa fé e a nossa espiritualidade.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- COMBLIN, José. **O caminho**. Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.
- CNBB. **Pastoral Afro-brasileira**. Estudos da CNBB. nº 85. 2a. Ed. Brasília, CNBB, 2020.
- CNBB. **Formação para grupos de base**. Pastoral Afro-brasileira. Brasília: Ed. CNBB, 2010.
- CNBB. **Pastoral Afro Brasileira**. Princípios de orientação. Brasília: Edições CNBB, 2008.
- CNBB-PAB. **História e culturas africanas e afro-brasileiras na escola**. 10 anos da lei 10.639/03. Brasília: Ed. CNBB, s/d).
- CONIC. **Campanha da Fraternidade Ecumênica**. “Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez unidade”. Texto-base. Brasília: Ed. CNBB, 2021.
- DEBIASI, Miguel. **Metodologia Pastoral**. Um ensaio a partir de José Conblin. Cadernos da ESTEF 61 (2019/01), 87-102.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, Editora UNESP, 2000.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 38ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004a.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. 30ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2004b.
- _____. **Conscientização. Teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3a. ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- _____. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 13ª edição. São Paulo: Paz e terra, 2006.
- LOPES, Vera, SOUZA Wilson. Juventude, políticas públicas e ações afirmativas. In: BEOZZO, José Oscar (org.). In: **Curso de Verão – Ano XXI. Juventudes**. Caminhos para outro mundo possível. São Paulo: Paulus Editora, 2007, p. 51-84.
- MESTERS, Carlos. **As parábolas**. Aprender dos pardais. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. **Deus onde estás?** Uma introdução prática à Bíblia. 16a ed. Petrópolis: Vozes, 2012, pp. 159-168.
- POSSANI, Lourdes de F. Paschoaletto. Metodologia da Educação Popular: a formação em foco. In: POSSANI, Lourdes de F. Paschoaletto e SANCHEZ, Wagner Lopes. **Formação Ecumênica e Popular feita em mutirão** – Curso de Verão 25 anos. São Paulo: Paulus Editora, 2011, p. 155-178.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- VIEIRA, Henrique. **O amor como revolução**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

ANEXO

Atividade: registro individual para formar um caderno

1. Se faz parte da Pastoral Afro:

a) Relate uma experiência – boa e/ou ruim – vivida na sua Igreja ou comunidade, por ser negro/a e/ou da pastoral afro.

b) Comente sobre esta experiência

2. Se não faz parte da Pastoral Afro:

a) Relate algum evento que tenha presenciado – positivo e/ou negativo - em sua Igreja ou comunidade relacionado a alguém por ser negro/a e/ou da Pastoral Afro.

b) Comente sobre este evento

